

CRISE MULTIFACETADA: Desafios e modos de enfrentamento



CPOI

Comissão Permanente
de Publicações Oficiais
e Institucionais da UFSCar

**Organizadora:
Norma Valencio**

2021 © by Norma Valencio (organizadora)
Direitos dessa edição reservados à Comissão Permanente de Publicações
Oficiais e Institucionais – CPOI
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a
autorização expressa da Editora.
Capa e projeto gráfico: Tiago Eugênio dos Santos
Editoração eletrônica revisão gramatical e ortográfica: Norma Valencio
Normalização: Marina Penteado de Freitas

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Crise multifacetada: desafios e modos de enfrentamento /
organizadora: Norma Valencio. — São Carlos: UFSCar/CPOI,
2021.
110 p.

ISBN: 978-65-86558-20-3

1. Pandemia – COVID-19. 2. Crises. I. Título



Reitora
Ana Beatriz de Oliveira

CAPÍTULO 5

ARTETERAPIA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL PARA ENFRENTAR CONTEXTOS DISRUPTIVOS: resgate simbólico e reconstrução comunitária

Layla Stassun Antonio¹

Introdução

Em contextos de eventos disruptivos da ordem social, quando há uma desorganização impositiva e quebra da normalidade, comunidades inteiras se veem separadas e fora de sua territorialidade. Muitas vezes, tendo de lidar com perdas multidimensionais e um sofrimento que não encontra interlocutor. Esse texto pretende apontar porque a arteterapia é uma ferramenta com potencial de colaborar com a reestruturação de comunidades afetadas, restabelecer laços que foram desfeitos, resgatar memórias coletivas e o repertório simbólico de um grupo, fortalecendo-o e o reestruturando coletivamente, no sentido de construção de autonomia e de uma voz coletiva que o represente frente a outros atores envolvidos no contexto de recuperação. Buscando, através de um processo terapêutico em grupo, construir bases mais sólidas para o enfrentamento coletivo do desastre.

Para isso, primeiramente, abordaremos o que seria um desastre ou um evento disruptivo. Segundo Valencio e Valencio (2018): “O sofrimento social é aquilo que, em essência, define um desastre”. Um desastre inclui todo o desenrolar após um acontecimento físico trágico, ele geralmente possui uma duração muito maior do que o evento em si. “Os membros da coletividade, que vivenciam tal processo, experimentam variadas manifestações de dor física, psíquica e emocional, as quais deflagram diferentes tipos de perturbação, no ritmo e no sentido de suas vidas” (VALENCIO e VALENCIO, 2018, p. 20). Um

¹ Bacharel em Ciências Sociais (UFSCar) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental (EESC/USP). Pós-graduanda em Arteterapia pela Faculdade Vicentina/Instituto Freedom. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED/UFSCar). Membro da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (AATESP 578/1119). E-mail: stassun.layla@gmail.com

desastre não é um acontecimento pontual que causa um dano específico, mas é um processo que se desenrola em muitas dimensões da vida social, como reflete Valencio (2017, p.1-2):

Figura 1: Distinções entre evento, emergência e desastre

TIPO	EXTENSÃO TEMPORAL	CARACTERÍSTICAS
Evento	=====	Tempo cronológico de manifestação de um dado fator de perigo
Emergência	=====	Tempo burocrático exigido para a tomada de providências excepcionais pelas autoridades competentes
Desastre	=====	Tempo social no qual é deflagrado e vivenciado o sofrimento decorrente das perdas e danos havidos

Fonte: VALENCIO, N. e VALENCIO, A. 2018. p. 30.

As adversidades, que tomam a forma de inesperadas perdas e danos coletivos, podem evoluir de um modo mais desfavorável, tornando a crise crônica. Os desastres catastróficos são caracterizados não apenas pela perda da integridade física dos membros de uma dada coletividade (mortes, ferimentos e adoecimento inesperado) e destruição/danificação dos bens que lhes são essenciais para a sua vida prática e universo simbólico (Valencio, 2012), mas também pela incapacidade das autoridades fazerem frente às ameaças que se apresentam (Quarantelli, 2006). Com o desmantelamento de certas estruturas físicas do lugar e perda de meios essenciais (moradias; locais de trabalho; estoques de alimentos; rebanho e plantações; veículos, pontes e estradas, estabelecimentos escolares, de saúde, saneamento e energia e afins) assim como na inviabilização de fluxos usuais que conectam os sujeitos (em termos virtuais ou presenciais, indo da interrupção dos serviços de telecomunicação aos de transporte público), as estratégias de prevenção e preparação revelam-se relativamente inócuas. Mas, a dimensão trágica dos acontecimentos se amplia quando as providências concernentes à reabilitação e recuperação de longo-termo também ficaram aquém do esperado (VALENCIO, 2017, p.1-2).

Há um sofrimento coletivo e multifacetado das vítimas que muitas vezes não é endereçado, e até mesmo pode ser piorado pelos atores envolvidos no cenário de enfrentamento de um desastre. Valencio e Valencio (2018, p. 35) indica o que pode ocorrer:

Se as vítimas deixam de ser vistas como sujeitos sociais que precisam que suas vidas sejam reparadas em sua integralidade, e passam a ser representadas apenas a partir de alguns fragmentos de suas demandas, a serem geridas desarticuladamente em relação às suas expectativas, o sentido da vida pode se perder (VALENCIO e VALENCIO, 2018, p. 35).

Por uma série de motivos, pessoas que são vitimadas em desastres passam por uma série de novos desafios que se sucedem após o acontecimento trágico pontual. Muitos podem vir a apresentar sintomas de estresse pós-traumático. Há a possibilidade de vários atores envolvidos no cenário, que muitas vezes querem ajudar, porém, através de um modo de interação violento, no qual o sofrimento da vítima perde a sua especificidade, e não são respeitados os tempos e espaços próprios de reorganização subjetiva e intersubjetiva da família e da comunidade afetada, o que torna a situação toda ainda mais estressante. A gestão do desastre é feita por competências e demandas conflitantes, gerando certa pressão nas vítimas, que são instadas a se adaptarem ao linguajar, à dinâmica e ao receituário técnico, para que as suas demandas sejam aceitáveis, em um infundável preenchimento de formulários, regras de interação e outros dispositivos que lhes são estranhos (Valencio e Valencio, 2018). Valencio e Valencio (2018, p.31) exploram o autoritarismo no tratamento às vítimas pelas instituições:

Nos desastres catastróficos, os serviços técnicos de emergência gradativamente adotam e sucumbem a práticas mais autoritárias, que priorizam tratar o problema de forma a restituir a ordem social. Assim, controlam as vítimas como se fossem revoltosas, esquecendo as suas reivindicações (TIERNEY, BEVC e KULIGOWSKY, 2006 apud VALENCIO e VALENCIO, 2018, p. 31).

Uma pessoa que foi vítima de falha de proteção ao meio social, que sofreu perdas multidimensionais e se encontra em meio a uma série de crises agudas ou em uma crise crônica que se estende muito tempo após o acontecimento trágico desorganizador inicial, sofre de uma dor moral profunda. Pode ocorrer simultaneamente a perda de familiares, amigos, conhecidos, animais de estimação ou de criação, sua casa, meios de produção, vizinhança e locais comunitários importantes. Conforme o desastre se prolonga e se consolida no cotidiano das vítimas, estresses pós-traumáticos, transtornos de ansiedade e depressão são comumente desencadeados. Como concluem Reis e Carvalho (2016, p. 244) ao fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema:

Em relação aos objetivos dos estudos, em todos os grupos de países pode ser observada a investigação da incidência de sintomas de TEPT² na população pesquisada o que se faz relevante, já que a literatura apresenta a associação entre o desenvolvimento do quadro após a ocorrência de fenômenos de desastres. Também se verificou que muitos estudos se referiram à questão das comorbidades com depressão, transtornos ansiosos, sintomatologia dissociativa e transtornos de personalidade, o que também vai de encontro com a literatura especializada (REIS e CARVALHO, 2016, p. 244).

A falta de acolhimento por todos os lados nos quais as vítimas procuram, o autoritarismo dos agentes envolvidos no desenrolar, e o não processamento de emoções e sentimentos de frustração, raiva e impotência, levam a um estado de apatia e desvinculamento da realidade:

Uma vez que o propósito que move tais atores externos [que se prestam ao atendimento de resposta ao desastre] aparenta ser muito louvável, e mesmo providencial, as vítimas têm pouco espaço de manobra para adotar narrativas próprias e estratégias emancipadas de ação. [...] Interações como estas podem ser consideradas como parte constitutiva de uma nova barbárie contemporânea. Nesse sentido, é preciso discutir como evitá-las (VALENCIO e VALENCIO, 2018, p. 35).

A Arteterapia é capaz de colaborar no processo de digerir os acontecimentos, sendo um local seguro, com o objetivo de transformar traumas em experiências traumáticas que podem ser superadas e transformadas em aprendizado. Ela providencia um espaço transicional no qual é possível se expressar e dialogar com aqueles sentimentos e emoções materializados através de recursos expressivos artísticos. A Arteterapia se utiliza do lúdico, assim como vemos serem utilizados em alguns trabalhos da Sociologia dos Desastres, com jogos de cooperação e maquetes interativas:

Uma das formas das crianças compreenderem e superarem os possíveis traumas diante do desastre é refletir sobre ele, discutir e dimensionar os riscos e perigos. Uma ferramenta que pode trazer resultados é oferecer atividades lúdicas e recreativas, como a proposta de desenhos temáticos. (PAVAN, 2009, p.98)

Vemos um exemplo a seguir, do porquê uma atividade lúdica como uma maquete interativa, fornece uma distância segura do evento e pode colaborar

² Transtorno de Estresse Pós-Traumático

inclusive na construção de uma comunidade mais segura, como também ajudar as vítimas a processar o ocorrido:

A maquete interativa, nesse aspecto, fornece não apenas uma base material em que cenários podem ser arrumados, desarrumados e rearrumados conforme a reflexão da criança, mas uma base material, em pequena escala, para que a mesma perceba, compreenda e atue, a uma distância emocionalmente mais segura, no rememorar das perdas e danos produzidos vivenciados ou testemunhados. Por meio de materiais miniaturizados (casas, veículos, árvores, bonecos) podem ser feitos, desfeitos e refeitos ordenamentos do espaço como algo dinâmico e passível de uma observação tridimensional (altura, largura e profundidade). Essa dinamicidade é que dá o sentido histórico da constituição do território, pois é uma tarefa que demanda ações coletivas de prevenção, preparação, resposta e reconstrução que podem ser feitas pelos diversos sujeitos em busca da constituição de uma comunidade mais segura. (VALENCIO, SIENA, MARCHEZINI, 2009, p. 205).

A Arteterapia se utiliza do lúdico, mas inclui um olhar terapêutico especializado para direcionar as atividades e acolher as questões que forem emergindo, tendo em vista o processo do grupo atendido.

No contexto de dor moral multifacetada, quando não se há atenção para essa dor coletiva, o mais comum é a dor coletiva ser transformada em dores individuais passíveis de serem medicalizadas individualmente. Entretanto, sabemos que dores emocionais nesse contexto são reações humanas completamente justificáveis. Reações humanas de luto e tristeza não são necessariamente patológicas, são reações esperadas em um contexto disruptivo, precisam de tempo e acolhimento para serem processadas.

A comunidade coletivamente poderia se acolher mutuamente caso houvesse a disponibilidade do serviço de encontros grupais arteterapêuticos para a comunidade. Arteterapia é uma das PICS - Práticas Integrativas e Complementares reconhecidas pelo SUS – Sistema Único de Saúde. Entretanto, não são todas as unidades e municípios que possuem disponibilidade de atendimento. A demanda para esse tipo de atendimento é latente. Podemos citar a cidade de Brumadinho como exemplo, que um ano após o rompimento da barragem da Vale, teve um aumento de 80% no uso de ansiolíticos (FREITAS e ALMEIDA, 2020) e crescimento no número de suicídios e tentativas de

autoextermínio, segundo a Secretaria Municipal de Saúde de Brumadinho. A cidade registrou aumento de 400% na demanda por atendimento em saúde mental no sistema público de saúde (A GAZETA, 2020).

Saúde pública em desastres

Recomendações de estudos recentes de saúde pública em desastres (NOAL, RABELO e CHACHAMOVICH, 2019 e NEVES et al., 2018) indicam que há uma grande lacuna no atendimento de uma população afetada quando somente a perspectiva de atenção individual existe. Há uma falta de espaço para políticas públicas voltadas para o acolhimento e compartilhamento comunitário. A princípio, podemos pensar em alguns impedimentos existentes para que os laços sociais de vizinhança prévios sejam mantidos e reforçados. A falta de um local comunitário, a dispersão dos moradores em novas moradias provisórias em outras territorialidades, o não interesse das autoridades em reunir os afetados para que não haja reivindicações organizadas, entre outros. A necessidade de acompanhamento psicológico ao longo do tempo, a médio e longo prazos, é latente, entretanto, pouco se fala sobre uma reconstrução simbólica da subjetividade do grupo, que teve sua identidade coletiva ceifada de uma hora para outra. Uma comunidade que se vê despedaçada, separada contra sua vontade, seria muito beneficiada em seu processo de recuperação, fossem fornecidos encontros sociais e atividades terapêuticas em grupo, para compartilharem seu sofrimento com outros indivíduos que também tiveram grandes perdas no mesmo acontecimento e estejam passando pelas mesmas dificuldades, para assim não se verem sozinhos nesse enfrentamento, o próprio grupo seria um fator de resiliência.

A cada novo desastre de proporções catastróficas, fica mais evidente que a produção de espaços para o apoio psicossocial coletivo é imprescindível, como os autores abaixo focalizam, ao estudarem o impacto na saúde mental em Brumadinho e em Mariana:

Destaca-se que a estratégia de cuidado no território, desenvolvida junto às equipes do SUS, pode ser mantida a médio e longo prazos, bem como oportuniza um trabalho de fortalecimento das redes de apoio socioafetivas, desde que os

profissionais estejam atentos às diferentes formas de sofrimento que podem ser desenvolvidas nos meses subsequentes, como por exemplo: o aumento do uso de álcool e medicamentos benzodiazepínicos, além de medicações analgésicas e anti-inflamatórias. Tais aumentos indicam que novas estratégias de apoio psicossocial devem ser criadas para que o sofrimento psíquico seja ouvido e não apenas calado pela medicação. O fortalecimento dos vínculos sociais e o empoderamento das redes de apoio estão na base do apoio psicossocial e, portanto, têm ligação intrínseca com a comunidade que está sendo atendida. [...]

Aspectos econômicos e políticos permeiam a vivência dos sobreviventes e devem ser considerados ao se propor o fortalecimento do protagonismo dos afetados, sendo que tal estratégia reafirma a autonomia e busca pela dignidade que são importantes mediadores do sofrimento psíquico (NOAL, RABELO e CHACHAMOVICH, 2019, p. 5-6).

O estado de vulnerabilidade da população estudada nos convoca a pensarmos em medidas multidisciplinares focadas na melhora de sua qualidade de vida e bem-estar, não apenas no tratamento de doenças, mas na prevenção de agravos e de seu surgimento nos estratos mais jovens da população atingida. Nesse sentido, devemos pensar não em medidas universais de tratamento, mas em intervenções dirigidas para as diferentes faixas etárias [...]

Dessa forma, podemos considerar que a população afetada pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana está extremamente vulnerável quanto à saúde mental, mesmo após dois anos terem se passado do desastre. Fortalecer a rede de cuidados de saúde de forma contínua e de longo prazo é um dos pontos-chave para a reconstrução das comunidades afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana. (NEVES et al., 2018, p. 74).

O que é Arteterapia

A Arteterapia é um dispositivo terapêutico de prática transdisciplinar, que visa resgatar o ser humano em sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação. Se utiliza de diversos materiais e linguagens que compõem os processos de criação artística e de ações culturais como meios de promover a saúde (COQUEIRO, VIEIRA e FREITAS, 2010). É um processo predominantemente não-verbal, que permite ao indivíduo expressar simbolicamente suas sensações, os sentimentos e as imagens do seu mundo interior e desenvolver assim um processo de auto-organização psíquica. O processo arteterapêutico resultará numa produção simbólica provida de uma materialidade que permite atribuir significado a informações advindas de níveis profundos da psique, apreendidas pouco a pouco pela consciência (OGA, 2014).

O valor da produção artística encontra-se no fazer terapêutico, se ela carrega efetivamente um sentido para o viver da pessoa em questão, ao invés de qualquer valor estético, conforme reflete Gonçalves (2010, p.31):

A arteterapia implica uma situação de ajuda, auxílio a um outro que está em situação de sofrimento ou desconforto. Ela pressupõe uma busca, uma transformação, a fim de que o processo de desenvolvimento do sujeito possa se dar de forma natural, desenvolvendo sua individualidade, estabelecendo diferenciações, permitindo o emprego de recursos de contato e acesso ao imaginário como elemento de saúde. A criatividade, nesse sentido, é de fundamental importância, tanto como exercício de liberdade no trato com os materiais quanto como recurso de aprimoramento da fluência e da flexibilidade, como propiciadora de ideias originais e inovadoras, de sensibilidade, fantasia, imaginação, independência, curiosidade e confiança (GONÇALVES, 2010, p. 31).

A Arteterapia tem o potencial de promover por meio de atividades lúdicas e criativas, o desenvolvimento de competências pessoais, o aumento da capacidade de ação, expressão e organização do indivíduo. O sujeito só é sujeito porque imagina, cria e se expressa (SANTOS, 2006). As atividades na Arteterapia devem valorizar as experiências culturais dos indivíduos, considerando-os como seres criativos e construtores da própria história. Aceitando e acolhendo os diversos aspectos dos participantes, como os afetivos, culturais, cognitivos, motores, sociais entre outros, tão importantes na saúde integral do ser humano. A Arteterapia configura-se como um eficaz meio para canalizar, de maneira positiva, o sofrimento psíquico, assim como os conflitos pessoais e com familiares. Há minimização de fatores negativos de ordem afetiva e emocional, tais como: angústia, estresse, medo, agressividade, isolamento social, apatia, entre outros (COQUEIRO, VIEIRA e FREITAS, 2010).

Criatividade e sentido

A Arteterapia desponta por acreditar no potencial criador do ser humano diante de uma realidade social, psicológica, ecológica, econômica e cultural nem sempre favorável, com inúmeros desafios que nosso século apresenta. A intervenção arteterapêutica representa um caminho para o resgate da saúde, assim como para a promoção da saúde, diante de um público diverso e tendo o

ser humano como ponto de encontro e seu ser criador como aspecto a ser resgatado, acordado ou alavancado. O sujeito social que foi afetado por um desastre, tendo o devido acolhimento de sua dor e apoio necessário, tem aumentada sua capacidade de enfrentamento, com tempo e espaço para processar o luto e se reestabelecer em suas plenas capacidades ao se reinventar como ser humano.

O criativo emerge como elemento essencial para se lidar com crises multifacetadas e a arteterapia permeia o caminho da flexibilidade psíquica diante das situações-problemas encontradas durante a vida. A prática de Arteterapia em grupos é permeada por ações criadoras de sentido. Práticas grupais e trabalhos de expressão plástica permitem que cada pessoa toque o “si mesmo”, fortalecendo sua conexão com o universo e direcionando a energia criativa para a elaboração de projetos na vida. Trabalha o conteúdo simbólico expresso, de forma que cada um significa e contextualiza sua criação, dentro do grupo e com o grupo. No trabalho arteterapêutico, caminhos criativos trazem significados às experiências vivenciadas, conteúdos pessoais vêm à tona e são elaborados, a expressão de imagens visuais possibilita a produção de fantasia e o imaginário abre todo um leque de opções. Há uma estimulação do nível mais profundo da consciência de modo que o pensamento criador emerge desinibido, subjetivo e fluido (ALLESSANDRINI, 2010).

Atuação comunitária

Como temos enfatizado até o momento, a atuação psicossocial em contexto de desastres deve ser coletiva, Valencio e Valencio (2018, p. 22) esclarecem sobre a natureza do sujeito coletivo:

Um processo repentino de desorganização da vida, que suscita variadas manifestações de dor e sentimento de perda, atravessa a vida privada e subjetividades, quando os diferentes grupos afetados se apercebem que seu drama pessoal está enredado ao sujeito coletivo. Isso produz a dimensão pública do desastre como uma situação-limite coletiva, na qual os reveses múltiplos, que atingem inúmeras pessoas, de modo súbito e simultâneo, pedem prioridade no âmbito da agenda governamental. (VALENCIO e VALENCIO, 2018, p. 22)

Em encontro realizado em 29 de maio de 2020, a arteterapeuta chilena Pamela Reyes (2020), ao discorrer sobre sua abordagem cultural em situações de emergência, afirma a importância da atuação comunitária, dado as diretrizes da OMS e da Unesco que recomendam que atuações culturais em desastres não sejam individuais. É necessário um trabalho comunitário quando a população de uma comunidade é o sujeito coletivo que foi afetado. Ela segue descrevendo que experiências são compartilhadas no grupo, mas cada indivíduo tem as suas, são distintas.

Um trabalho coletivo de criação de um mapa é citado, no qual o mapa se torna um espaço transicional, entre a realidade e a fantasia, na qual os participantes trazem sua experiência com o desastre, cada um a sua. Assim, é possível tomar distância da realidade para poder elaborar o que foi vivido. Nesse trabalho de representação há espaço potencial para a metabolização do seu contexto. Para digerir os acontecimentos, ao materializar a experiência, o participante pode transformar o mundo externo em algo digerível, em algo dialogável. O sofrimento multidimensional e dor moral muitas vezes não são exprimíveis em palavras, por isso uma terapia não-verbal também se encaixaria perfeitamente com grupos de vítimas de desastres.

A Arteterapia sempre terá um elemento de identidade comunitária. Produzir cultura e arte são direitos humanos e fatores de resiliência. Reyes (2020) delinea a importância da memória coletiva. Idosos chilenos que já haviam passado por outros grandes terremotos em suas vidas, possuíam cantos, louvores e cantavam sobre eventos anteriores, se enxergavam como sobreviventes e não como vítimas. A cultura é patrimônio vivo, recurso para resiliência. Pessoas que tem sua história reconhecida são sujeitos sociais em sua plenitude. É um fator de resiliência comunitária. É muito comum durante um trabalho arteterapêutico o surgimento espontâneo de mitos locais e o resgate da arte popular comunitária. É importante realizar uma reconstrução da memória coletiva quando há uma ruptura da história coletiva. Através da Arteterapia podemos trabalhar a vulnerabilidade, elaborar o disruptivo. Escutar. Acolher a experiência do Outro. O Arteterapeuta e o grupo desempenham a função de testemunhas, permitindo a expressão. O testemunhar é importante porque todo

sujeito precisa de alguém que seja capaz de acolher a nossa experiência. Tolerar e imaginar a experiência dolorosa do Outro. Inclusive, as necessidades que a comunidade traz como importante para sua própria recuperação. A singularidade de expressão de cada membro do grupo, em sua subjetividade, na relação consigo mesmo e com os participantes do processo arteterapêutico vivenciado pelo grupo constrói uma voz comunitária. Aqui podemos citar o rico trabalho feito por Younes-Ibrahim e Sá (2014) para buscar a visão de desastre sob o ângulo das comunidades atingidas, com mapas mentais feitos com grupos de mulheres vítimas do desastre hídrico da região serrana do Rio de Janeiro. Os autores refletem sobre a necessidade desse resgate emocional comunitário:

Destacamos que nas propostas relacionadas a desastres e emergências, não encontramos a intenção de ajuda na recuperação do ser humano. As ações giram em torno da ajuda ao externo, ao meio ambiente. Não vimos proposta concreta de auxílio àqueles que tiveram suas vidas abaladas por perdas humanas, sofrimento e desespero. [...] A Rede de Cuidados – RJ vem denunciando em seus trabalhos e eventos que esse algo mais que está faltando no quebra-cabeças é o humano. Não o humano para quem vamos devolver, através de promessas, sua vida perdida, seu trabalho e sua casa, mas o humano que nos humaniza, que nos torna humanos iguais àqueles que foram atingidos no seu íntimo e no seu equilíbrio emocional. Antes de procurar recuperar e reconstruir o mundo externo, precisamos efetivar o resgate emocional daqueles que foram atingidos por essas catástrofes, dar-lhes uma chance para que consigam se re-conhecer, re-equilibrar, re-significar e resgatar sua própria humanidade. O olhar perdido no horizonte, o choro compulsivo, as palavras desconexas, a raiva exacerbada, o silêncio, tudo isso faz parte do momento em que o íntimo foi destruído pelo acontecimento surpresa, pela força dos elementos e pela perplexidade das perdas. Resgatar o emocional é o caminho para que o organismo possa se re-equilibrar, possa retomar seu centramento e novamente tomar em suas próprias mãos as rédeas da vida (YOUNES-IBRAHIM e SÁ, 2014, p. 115).

Horizontalidade e construção coletiva

São inúmeros os motivos pelos quais o formato de atendimento da arteterapia em grupo é propício para um compartilhamento de histórias e elaboração de uma voz coletiva e horizontal. Dentro do próprio campo da Sociologia dos Desastres já foram realizados alguns estudos que indicam algumas dessas vantagens. Os participantes frequentemente são pedidos para se sentarem em círculos.

Ainda que não seja um imperativo, uma condição para que os participantes joguem no tabuleiro é sentarem em círculo. A postura e a disposição que o grupo assume fisicamente favorece ou desfavorece o surgimento de determinadas posturas e disposições psicológicas. Sentar ao redor de um tabuleiro ativa forças grupais tão primitivas quanto sentar ao redor de uma fogueira. O “sentar em círculo” coloca os integrantes do grupo em posição de igualdade. Todos são vistos igualmente e conseguem ver uns aos outros. Isso também elimina qualquer hierarquia com relação ao direito do uso da palavra. Todos têm a mesma possibilidade de se expressar no grupo. Diferentemente do que se possa pensar, isso não gera – necessariamente – confusão na comunicação. Ao contrário, quando se estabelece um contrato de comunicação no grupo, ele tende a ser respeitado por todos. As pessoas têm muito menos tendência a se dispersar nessa posição. São mais participativas e melhores ouvintes. O círculo nos convoca de uma forma meio ancestral e ativa, imediatamente, o sentimento de pertença em cada membro do grupo. Ele é inclusivo, igualitário e transformador (SILVA, 2009, p. 221)

A Arteterapia traz consigo a dinâmica da ludicidade, o movimento do corpo, imaginação e realizações artísticas manuais, que possibilitam o acesso sutil ao inconsciente. Uma base de apoio é “o brincar”, possibilitando assim, maior conexão e leveza de assuntos importantes que na maioria das vezes são revelados nos momentos de interação social.

O caráter lúdico da experiência permite abordar temas desafiadores e delicados de uma forma confortável, preservando os participantes e evitando confrontos improdutivos e desgastantes. As resistências do grupo diminuem muito quando se tem um elemento lúdico como mediador da vivência. [...] Quando se consegue minimizar as resistências, o ganho em termos de qualidade na comunicação é imenso. (SILVA, 2009, p. 222)

Silva ainda discorre que ao utilizar jogos de tabuleiro, estamos apostando na capacidade do grupo de se autorregular. O protagonismo é sempre do grupo, o jogo é apenas um pano de fundo que vai espelhar a realidade e permitir que os participantes exercitem novas formas de pensar e agir. O grupo vai crescer e construir sua própria experiência, com o facilitador contribuindo apenas com algumas percepções e questionamentos. Nesse contexto, a liderança é um valor compartilhado, não um objeto de disputa.

Liberadas das preocupações com disputas, as pessoas ingressam num outro nível de comunicação e criatividade. Elas têm a oportunidade de refletir sobre desafios comuns. Podem

compartilhar experiências e percepções. Criam um espaço no qual todas são ouvidas. Caminham pelo tabuleiro juntas e percebem que podem construir e trilhar uma verdadeira jornada de transformação. (SILVA, 2009, p. 223)

Há a possibilidade de uma horizontalidade de vozes, uma polifonia entre sujeitos com históricos diferentes. A Arteterapia como sendo uma terapia não-verbal, inclui a todos, permitindo que a comunicação ocorra em diversos níveis.

O uso coletivo de uma ferramenta pode ser manejada, com igual destreza, por sujeitos que portam trajetórias, saberes e conhecimentos diversos suscita um nivelamento argumentativo, isto é, uma autêntica polifonia. Significa dizer, o estabelecimento de uma relação não assimétrica posto que, na atividade, todos devem ter igual oportunidade de expressar suas visões de mundo na paisagem construída, cujos arranjos visuais dos elementos e suas inter-relações no espaço propiciam que os conflitos territoriais fiquem evidenciados, visualmente, para as partes. Uma vez o suporte da maquete na construção argumentativa e na vocalização dos sujeitos sobre os processos de territorialização problemáticos, maior a possibilidade de engendrar cenários melhores, frutificados em torno de outros compromissos coletivos. (VALENCIO, SIENA, MARCHEZINI, 2009, p. 214).

Em artigo de 2009, Pavan faz constatações que apontam ainda mais benefícios em se utilizar arteterapia no atendimento de comunidades afetadas. No caso de crianças, desenhos foram instrumentos eficientes para se entender sua vulnerabilidade e estabelecer uma comunicação sobre o que havia acontecido. Houve também ampla aderência espontânea à atividade, inclusive de adolescentes, devido a rotina entediante do abrigo e a falta de atividades de recreação ou brinquedos. O autor ainda aponta o resgate da memória e a representação de incertezas sobre o futuro:

Enquanto desenhavam, as crianças resgataram na memória e na sua história de vida, as características das suas moradias no pré-desastre e somaram a esta representação seus medos, preocupações e sofrimentos para ilustrar a situação das suas casas no pós-desastre. (PAVAN, 2009, p.101)

Medo e insegurança na modernidade

O número de decretos de desastres nas graduações situação de emergência (SE) e estado de calamidade pública (ECP), cresce

significativamente no Brasil ano após ano (VALENCIO, 2015). E a tendência decorrente do aquecimento global e das mudanças climáticas, amplamente constatadas pela ciência, colocam a questão da perspectiva de atendimento e acolhimento emocional de grupos afetados por desastres em voga e necessário de ser pensado com maior profundidade a partir de um olhar multidisciplinar das áreas das ciências sociais, da saúde pública, assim como por agentes de saúde, em busca de amparar e fornecer serviços mais adequados a essa parcela da população que só aumenta.

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia mundial de COVID-19, no qual lidamos com um novo vírus, que trouxe a disrupção da normalidade e a necessidade de novas rotinas e sociabilidades. Uma nova onda de incerteza e insegurança sobre o futuro nos perpassa. Em relação aos desastres corriqueiros, relacionados às chuvas, por exemplo, a cada verão, a falta de soluções do poder público e da sociedade trazem destruição a áreas que são, ano após ano, afetadas preferencialmente e que geram um estresse permanente nos residentes. Cidades inteiras que convivem com barragens com risco considerável de rompimento também colocam seus moradores em permanente estresse. Esses são três diferentes contextos de apreensão e sofrimento coletivo cujos grupos sociais afetados se beneficiariam de serviços de apoio à comunidade, quando essa vê seus modos de vida, moradia, sociabilidade e a própria integridade da vida ameaçada. Há um estado de estresse crônico na rotina dos que se vêm mergulhados na dinâmica ambígua da modernidade, com seus incluídos precários e excluídos sociais, o que sem dúvida provoca enormes déficits na saúde plena desses indivíduos e coletividades.

Na ocorrência de uma calamidade, se somos afetados, precisamos desorganizar nossos sistemas e criar novos parâmetros de sociabilidade. Uma recodificação do mundo a sua volta é necessária, para garantirmos a nossa sobrevivência. Os líderes das antigas civilizações tentavam interceder ao céu, realizando rituais, jejuns e sacrifícios. Rituais mágicos e cerimônias traziam algum tipo de conforto, era um meio de mitigar a ansiedade do medo da ameaça ao próprio cosmos. Hoje em dia não temos as ferramentas calmantes dos rituais e da conexão com a natureza. No nosso mundo ocidental moderno ainda somos

perseguidos pelo medo. O medo arcaico da ruína do cosmos é o mesmo medo contemporâneo do século XXI (TUAN, 2005).

Tuan (2005) fala de uma maior consciência das incertezas nos dias de hoje que nos leva a crer que o passado era mais estável. Os novos medos são resultados de maior conhecimento e maior consciência, é o receio de uma catástrofe iminente em escala global e a nossa constante preocupação com o futuro. Na modernidade não nos permitimos acreditar na tradição, em rituais e crenças que nos trariam certo conforto. Em vez disso vivemos na incerteza das estatísticas, sujeitos ao acaso e a mercê do descaso governamental, de um capitalismo desenfreado e de uma política neoliberal que em nada se preocupa com o bem-estar da população. A Arteterapia pode realizar uma espécie de papel substituto ritualístico, o próprio grupo se torna um fator de resiliência e testemunha do sofrimento social vivido, assim os laços sociais podem ajudar a restabelecer alguma harmonia essencial, trazendo algum consolo e certa confiança nos ciclos da vida e da natureza, ao participar da reconstrução e resgate de um universo simbólico compartilhado.

Considerações finais

Esse texto buscou apresentar sucintamente a potencialidade da Arteterapia como forte aliada no reestabelecimento da saúde plena de indivíduos que sofreram perdas multidimensionais e muitas vezes indizíveis, dificilmente expressas somente em palavras, que sofrem o peso da impotência diante dos acontecimentos coletivos trágicos, da violência e do descaso do poder público e de outros agentes, em relação às suas perdas objetivas e simbólicas.

O trabalho comunitário atua promovendo história, memória coletiva, elaboração que precisamos fazer frente a um evento disruptivo. O desastre desloca a vida cotidiana, que antes parecia estável. As catástrofes têm em comum uma sensação de falta de sentido. Em níveis distintos, as artes devem estar presentes como elemento cultural para o enfrentamento e recuperação.

A indignação e mobilização social e coletiva não devem ser ignorada por agentes da saúde, mas pode ser incorporada na superação, na criação de novos laços e atividades que impulsionam uma nova vida, uma nova realidade que

convive com o acontecimento trágico, que incorpora aquela dor, raiva e luto, em força para continuar e se buscar justiça e reparação. Nossa subjetividade se constrói na nossa cultura.

É uma questão social muito complexa para simplesmente serem oferecidos soluções individuais, pontuais e na medida que existem condições financeiras para esse serviço. Os desabrigados e desalojados em desastres que danificam ou destroem moradias perderam sua rotina, sua casa, seus meios de produção, além de precisar lidar com o luto pelos muitos conhecidos perdidos ou familiares que se foram de um dia para o outro, muitas vezes sem nem poder velar seus corpos e dar um encerramento digno à essa relação. Uma comunidade afetada pode não mais compartilhar de uma estabilidade em relação ao território. Moradias improvisadas, casas de parentes, abrigos temporários, todos faltam com os requisitos básicos para se ter paz interior, espaço para devaneios, para o processamento desse luto, para reorganização de mundos e de conteúdos internos que estão em transformação permanente, decorrentes de fatores externos impositivos. O desastre não é uma questão individual, é algo vivido coletivamente, que tem componentes intersubjetivos que merecem espaços de compartilhamentos.

Com esse texto não somente proponho maior investigação sobre o tema e a utilização da arteterapia como ferramenta para a reconstrução dos laços comunitários, o resgate da memória coletiva de uma comunidade, no processamento de traumas e elaboração das experiências disruptivas para que se tornem algo com o que a pessoa possa se relacionar e aprender. Também proponho que essa seja uma ferramenta de construção de um repertório simbólico em comum e que a partir disso, a voz da comunidade seja ouvida, levada em consideração pelas autoridades envolvidas em um desastre. Como enfatizam Boin, Ekengren e Rhinard (2013, apud Valencio e Valencio, 2018, p.29): “crises não falam por si mesmas, mas pela compreensão de seus intérpretes”.

Por último, devo destacar também a importância de estudos que registrem a saúde desses grupos sociais, para sabermos a eficácia de políticas públicas coletivas no seu restabelecimento e o quanto políticas de prevenção, tanto de desastres, quanto de saúde mental, poderiam economizar não só em prejuízos

materiais e custos econômicos, mas também em sofrimento humano, animal e ambiental como um todo.

Referências

A GAZETA. Demanda por atendimento em saúde mental em Brumadinho cresce 400%. **A Gazeta**, Vitória, 25 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/brasil/demanda-por-atendimento-em-saude-mental-em-brumadinho-cresce-400-0120> Acesso em: 06/11/2020.

ALLESSANDRINI, C. D. Prefácio. **Arteterapia com grupos: aspectos teóricos e práticos**. In: SEI, M. B.; GONÇALVES, T.F. (orgs.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p.15-20.

COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. São Paulo: **Escola Paulista de Enfermagem**, Universidade Federal de São Paulo, vol.23, no.6, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002010000600022&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 06/11/2020.

FREITAS, R.; ALMEIDA, F. Brumadinho convive com adoecimento mental um ano após tragédia da Vale. **G1 Minas e TV Globo**, Brumadinho, 21 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/01/21/brumadinho-convive-com-adoecimento-mental-um-ano-apos-tragedia-da-vale.ghtml> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

GONÇALVES, T. F. Questões acerca da Arteterapia. In: SEI, M. B.; GONÇALVES, T.F. (orgs.), **Arteterapia com grupos: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p.27-43.

NEVES, M. C. et al. (orgs) PRISMMA: Pesquisa sobre a Saúde Mental das Famílias Atingidas pelo Rompimento da Barragem do Fundão em Mariana. **Corpus**, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/xcf9eipofg3qd9y/Relatorio%20PRISMMA.pdf> Acesso em: 06/11/2020.

NOAL, D. S.; RABELO, I. V. M.; CHACHAMOVICH, E. O impacto na saúde mental dos afetados após o rompimento da barragem da Vale. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, no. 5, 2019. Disponível em: http://cadernos.ensp.fiocruz.br/static/arquivo/csp_0484_19-pt.pdf Acesso em: 06 de novembro de 2020.

OGA, C. R. Arteterapia com adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Novas perspectivas, novas realidades. **Revista de Arteterapia da AATESP**, São Paulo v. 5, n. 2, 2014, p. 2-22. Disponível em: https://www.aatesp.com.br/downloads/revista_v5_n2.pdf Acesso em 06 de novembro de 2020.

PAVAN, B. J. C. O olhar da criança sobre o desastre: Uma análise baseada em desenhos. In: VALENCIO, N.; SIENA, M.; MARCHEZINI, V.; GONÇALVES, J.C. (orgs.) **Sociologia dos Desastres: construções, interfaces e perspectivas no Brasil**. RiMa Editora, São Carlos, 2009, p. 96-106. Disponível em:

http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/diversos/mini_cd_oficinas/pdfs/Livro-Sociologia-Dos-Desastres.pdf Acesso em: 06 de novembro de 2020.

QUARANTELLI, E. A social science research agenda for disasters of the 21st century: theoretical, methodological and empirical issues and their professional implementations". In PERRY, R.W.; QUARANTELLI, E.L. (eds), **What is a disaster?** New answers to old questions. Blumington: XLIBRIS, International Research Committee on Disasters, 2005, p. 325-396.

REIS, A. M.; CARVALHO, L. F. Produção científica sobre o Transtorno de Estresse Pós-Traumático no contexto de desastres. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 15, n. 2, agosto, 2016, pp. 237-247. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3350/335047428013.pdf> Acesso em: 06 de novembro de 2020.

REYES, P. Arteterapia em situações de emergências e desastres. **Encontro online realizado em 29 de maio de 2020**. São Paulo. Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae (org). Disponível em: <https://youtu.be/mvpTOtz-WJE>. Acesso em: 06/11/2020.

SANTOS, D. P. **Psicopedagogia dos Fantoches**: jogo de imaginar, construir e narrar. São Paulo: Vetor Editora, 2006.

SILVA, S. F. L. Cooperação e visão sistêmica em equipes de trabalho: Uma proposta com jogos cooperativos em tabuleiro. In: VALENCIO, N. SIENA, M. MARCHEZINI, V. GONÇALVES, J.C. (Orgs.) **Sociologia dos Desastres**: Construções, interfaces e perspectivas no Brasil. Rima Editora, São Carlos, 2009, p. 216-224. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/diversos/mini_cd_oficinas/pdfs/Livro-Sociologia-Dos-Desastres.pdf Acesso em: 06 de novembro de 2020.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP. 2005.

VALENCIO, N. **Para além do "dia do desastre"**: o caso brasileiro. Curitiba: Ed. Appris, 2012.

VALENCIO, N. Desastres normais: das raízes aos rumos de uma dinâmica tecnopolítica perversa. In: SIQUEIRA, A.; VALENCIO, N.; SIENA, M.; MALAGOLI, M.A. (orgs), **Riscos de desastres relacionados à água**: Aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos. São Carlos: RiMa Editora, 2015, p. 79-120. Disponível em: http://www.neped.ufscar.br/Arquivos/riscos_desastres_relacionados_aguae_book.pdf. Acesso em: 06 de novembro de 2020.

VALENCIO, N. A ordem invisível por detrás do caos aparente: arquitetura do poder e desfiliação social no contexto de desastre. **41º Encontro Anual da ANPOCS**. GT6 - Conflitos e desastres ambientais: violação de direitos, resistência e produção do conhecimento. Caxambu, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322554768_A_ordem_invisivel_por_detras_do_caos_aparente_arquitetura_do_poder_e_desfiliao_social_no_contexto_de_desastre Acesso em: 06 de novembro de 2020.

VALENCIO, N.; SIENA, M.; MARCHEZINI, V. Maquetes interativas: Fundamentos teóricos, metodológicos e experiências de aplicação. In: VALENCIO, N.; SIENA, M.; MARCHEZINI, V.; GONÇALVES, J.C. (orgs.), **Sociologia dos Desastres**: Construções, interfaces e perspectivas no Brasil. São Carlos: RiMa Editora, 2009, p. 199-215.

Disponível

em:

http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/diversos/mini_cd_oficinas/pdfs/Livro-Sociologia-Dos-Desastres.pdf Acesso em: 06 de novembro de 2020.

VALENCIO, N.; VALENCIO, A. O assédio em nome do bem: dos sofrimentos conectados à dor moral coletiva de vítimas de desastres. **Revista Lumina**, Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 12, n. 2, p. 19-39, mai./ago. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331101070_O_assedio_em_nome_do_bem_dos_sufrimentos_conectados_a_dor_moral_coletiva_de_vitimas_de_desastres Acesso em: 06 de novembro de 2020.

YOUNES-IBRAHIM, S.; SÁ, L. H. Abandono: o grande desastre. Newcastle upon Tyne and São Paulo: VALENCIO, N. (Ed.) **WATERLAT-GOBACIT Network Working Papers. Thematic Area Series SATAD – TA8 - Water-related Disasters** – v.1, n.1, p. 110-144, 2014. Disponível em: <http://waterlat.org/WPapers/WPSATADNo1.pdf> Acesso em: 06/11/2020.